

BORDADOS: NARRATIVAS DE MEMÓRIAS RESISTENTES¹

TUANNE MONTEIRO DE CARVALHO

Graduada em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL), Mestranda em Arquitetura e Urbanismo do PPGAU/DEHA/UFAL.
E-mail: tuannemdc@gmail.com

ROSELINE VANESSA SANTOS OLIVEIRA

Federal da Bahia/Universidade do Algarve (Portugal), Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL).
E-mail: roselineoliveira@gmail.com

A orla marítima de Maceió-AL vem sendo apropriada pela especulação imobiliária e pela indústria do turismo, que fazem dos seus traços geográficos uma marca construída pelo marketing. No Litoral Norte ainda há lugares que têm resistido às interferências urbanas que desconsideram, por exemplo, expressões de suas preexistências. Este artigo apresenta, pois, uma experiência lúdica como estratégia para acessar a memória de famílias de moradores que por gerações participaram da construção de um fragmento da paisagem, por meio de um protótipo construído a partir da analogia com um bordado e compartilhado com os próprios moradores depois de pronto. Além de registro e sociabilização de memórias, os resultados constituem-se como exercícios de outros mecanismos de identificação de um rico conteúdo silencioso e invisível, contribuindo para a historiografia de dois bairros no limiar de drásticas mudanças em suas feições físicas e, por extensão, em suas relações cotidianas.

Palavras-chave: Litoral Norte de Maceió. Resistência urbana. Registro de memórias.

PARÊNTESES URBANOS

Desde a situação geográfica da cidade – uma faixa de terra entre o mar e a lagoa, até sua toponímia que significa “o que tapou o alaga-

diço” – Maceió, capital de Alagoas, carrega em sua paisagem fortes marcas que envolvem o espaço natural. Nas últimas décadas, a cidade vem passando por um processo acelerado de mudanças, o qual tem sido balizado por investimentos na área da construção civil com interesses especulativos em áreas marcadas por recursos naturais. Dentre as mais visíveis está a expansão urbana que, por vezes, acontece de forma lenta e associada ao próprio movimento dos habitantes de um lugar; enquanto outras acontecem de forma bastante bruta e, na maioria das vezes, é resultado de iniciativas externas à dinâmica local. No cerne dessa última situação, encontram-se a especulação imobiliária e a indústria do turismo, que, aliadas a uma aparente ausência de orientação ou fiscalização pública acerca do patrimônio ambiental urbano², se impõem nos espaços tendendo a atuar isoladamente e, assim, desconsiderar formas de viver que caracterizam cada um desses espaços.

Dentro desse contexto, situa-se o Litoral Norte (Figura 1), região da cidade onde as áreas próximas ao mar ainda costumam apresentar hábitos tradicionais voltados para a subsistência, além de conter fragmentos de paisagens não urbanizadas, como as praias margeadas por coqueiros, fozes de rios e riachos e manguezais. É comumente conhecida por ser uma região distanciada do centro urbano, “fora da cidade”, onde os povoados situam-se ao longo das margens da Rodovia AL 101 Norte. Nesse processo, alguns cantos, por um tempo, mantiveram-se salvos das interferências drásticas da urbanização, construindo-se a partir de gestos lentos – como os bairros Garça Torta e Riacho Doce. Esses parênteses urbanos têm atraído um outro habitante, o que percorre o lugar em busca de um ambiente distinto da “cidade grande” e de sua feição padronizada.

Contudo, essas relações de distância e não pertencimento à Maceió vem mudando consideravelmente na última década nos bairros do Litoral Norte. É bastante perceptível uma acelerada inserção de novos padrões construtivos (Figura 2), como condomínios

¹este artigo é fruto do Trabalho Final de Graduação da autora (CARVALHO, 2017).

²O patrimônio ambiental urbano é constituído de conjuntos arquitetônicos, espaços urbanísticos, equipamentos públicos e a natureza existente na cidade, regulados por relações sociais, econômicas, culturais e ecológicas, onde o conflito deve ser o menor possível e a inclusão social uma exigência crescente. Portanto, ele acompanha o processo social, assumindo todas as modernidades necessárias. É reconhecido e preservável por seus clássicos valores potencialmente qualificáveis: pragmáticos, cognitivos, estéticos e afetivos, de preferência sem tombamentos. Geograficamente, podem se manifestar sob forma de manchas urbanas ou formações lineares, sem limites perenes, mas sempre transcendendo unidades de significado autônomo. O conceito se reporta tanto a um conjunto existente como a um processo em permanente construção, ou seja, patrimônio ambiental deve se configurar como o ser e o porvir (YÁZIGI, 2012, p.28).

residenciais de habitações unifamiliares e multifamiliares de grande porte e demais equipamentos urbanos. Além dos interesses contemporâneos pela moradia em ambientes “paradisíacos”, como vêm sendo divulgado pelo marketing imobiliário, o direcionamento da expansão urbana para essa região também foi provocado pelo projeto urbano de duplicação da Rodovia AL 101 Norte³ o que poderá render benefícios aos empreendimentos imobiliários em termos de escoamento do trânsito, caso comparado com os demais bairros a beira-mar de Maceió, nos quais ocorrem congestionamentos em horários de muito movimento.

Nessa perspectiva, a ideia deste artigo é a de indagar sobre como pode-se conhecer um lugar e, com isso, considerá-lo com maior discernimento. Como salvaguardar seus interesses e mesmo através de modificações decorrentes, respeitar uma determinada forma de viver marcada por gestos lentos, construídos ao passo da dinâmica da convivência. Este artigo é fruto de uma colaboração para a compreensão do percurso histórico entre o Riacho Garça Torta e o Riacho Doce, por meio do embarque nas memórias de habitantes dos dois bairros. É também um exercício de aprendizagem sobre patrimonialização⁴.

Figura 1: Colagem de fotografias do Litoral Norte de Maceió.
Fonte: Acervo autoral, 2017.



Figura 2: Anúncios de inserção de edifícios multifamiliares no bairro de Riacho Doce.
Fonte: Acervo autoral, 2017.



³De acordo com o Portal da Secretaria de Estado de Transporte e Desenvolvimento Urbano de Alagoas (SETRAND/AL), a duplicação da AL 101 Norte terá extensão de 5,8 quilômetros, a primeira etapa da obra começa no bairro de Cruz das Almas, em frente ao Parque Shopping e segue até o bairro de Garça Torta. Nessa primeira etapa, as obras foram iniciadas em meados de 2016 e até a presente data apenas um dos três trechos foi concluído (trecho que perpassa o bairro de Jacarecica) e o segundo (trecho entre o bairro de Jacarecica e o bairro de Garça Torta) está em obras (2019).

⁴Segundo Pesavento, “A patrimonialização do passado da cidade implicaria em assumir a cidade como propriedade cultural partilhada, o que demanda uma aprendizagem. Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, entender como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças lugares, dotados de sentido, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas, é tarefa que deve ser assumida pelas instâncias pelas quais se socializa uma atitude desejada, indo da mídia ao ensino, do governo à iniciativa privada. Isto implicaria em criar responsabilidades, em educar o olhar e as sensibilidades para saber ver e reconhecer a cidade como um patrimônio herdado” (PESAVENTO, 2005, p. 16).

FRAGMENTOS

Ao fazer analogia com um escavador em busca de tesouros, o crítico e pensador alemão Walter Benjamin (1932) descreve que não se deve temer a fadiga de ir e voltar exaustivas vezes ao mesmo assunto enquanto se tenta construir uma comunicação entre as diferentes memórias. Benjamin traz em seu livro *Selected Writing* a passagem *Excavation and Memory*, o processo de “escavação da memória”, o qual explica que a memória não é apenas um instrumento a ser utilizado para acessarmos o passado, mas um meio no qual deveríamos construir experimentações. Pois, muitas vezes as lembranças por elas mesmas são apenas fragmentos de momentos, mas ao se analisar minuciosamente seus conteúdos buscando aproximar as suas similaridades pode se alcançar uma legibilidade. Ainda de acordo com o processo de “escavação”, para se obter memórias autênticas deve ser menos importante que o investigador faça um relato sobre elas, do que aquilo que ele consegue identificar ao encontrá-las.

Ademais, algumas referências⁵ ajudaram a compreender que o embarque nas memórias de um lugar através da oralidade de seus habitantes requer revestir os ouvidos de delicadeza para escutar um passado que está a cada dia mais mudo: os registros das memórias de algumas vozes que viveram em tempos de outrora em um lugar que hoje é um presente em acelerada mudança. Assim, no caso em pauta, por meio do perguntar, do escutar, do ver, do sentir, perceber, rememorar, imaginar, foi possível mapear a dinâmica dos bairros e, por extensão, de sua própria espacialidade. Os depoentes não apenas falaram de suas experiências, mas expuseram registros dessas memórias, a exemplo de prosas, textos, cartas, livros e retratos do passado.

Para além do acesso ao passado, as referências também deram pistas de como transformar narrativas em outras, na perspectiva de sua transmissão e divulgação, pois, “Para que a experiência vivida possa se elaborar como conhecimento por meio do discurso narrativo, esse saber precisa encontrar quem queira

ouví-lo. Desse modo, a arte da narrativa está, em sua origem, profundamente vinculada ao dom de ouvir” (CUNHA, 2013, p. 181). Nesse sentido, acessar o passado, a memória de um lugar, é também uma ação para o futuro, é uma forma de resistência, especialmente no contexto da contemporaneidade em que impera o indivíduo enquanto consumidor de coisas e paisagens sem o interesse em realmente percebê-las:

Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos - as atividades intimamente associadas ao tédio - já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Então, para acessar memórias é preciso observar, silenciar e ouvir. Nesse sentido, surge o desafio de acessar o passado através da história oral, colocar-se na posição de ouvinte e atentar-se para o fato de que muito mais importante do que achar uma forma ideal para narrar a memória é encontrar quem a queira escutar, ou seja, encontrar os ouvintes. Portanto, este estudo corresponde ao processo de construção de objeto (protótipo) por meio do qual as memórias dos habitantes dos bairros de Garça Torta e Riacho Doce podem ser acessadas e compartilhadas.

EMBARQUE EM PASSADOS

O processo de construção do protótipo, intitulado “Bordados”, teve como ponto inicial imersões nos bairros, por meio dos quais foram coletados depoimentos, sínteses gráficas e escritas das impressões das experiências e

⁵ O trabalho de Irene Klokari, *Memories of Famagusta: Recapturing the Image of the City through the Memories of Refugees* tem como objetivo recriar a imagem de uma avenida majoritariamente destruída após a invasão de tropas turcas à cidade de Famagusta na Ilha de Chipre, por meio das memórias dos seus habitantes, hoje refugiados. Na obra *O Narrador*, Walter Benjamin (1994, p. 201) apresenta o papel das narrativas como uma forma de transmitir experiências, seja a sua própria ou a relatada por outros. Outra referência que se mostrou pertinente no estudo, foi o texto de Neiva Vieira da Cunha (2013) intitulado “Memória, narrativas e identidades sociais: histórias de moradores de favelas da Grande Tijuca, no Rio de Janeiro”, o qual reitera o discurso do papel das narrativas para divulgação de experiências advindas de processos de construção da memória coletiva.

de material audiovisual. Essas sínteses tratam de registros da paisagem “natural” e “edificada” e também dos movimentos dos habitantes, bem como das próprias entrevistas. Foram considerados neste estudo seis depoentes dos dois bairros que nasceram entre os anos de 1920 a 1945 e dez entre os anos de 1955 a 1975.

As entrevistas com os habitantes foram feitas de forma livre e não cronometradas, apenas foi perguntado sobre as memórias mais antigas e marcantes que eles têm do lugar e deixou-se que os assuntos fluíssem. Quase todas as conversas foram feitas em grupos de duas ou três pessoas dialogando sobre as lembranças do passado. Todas as conversas foram registradas através de áudio ou vídeo. Algumas entrevistas e conversas aconteceram a partir da mostra de uma representação da base cartográfica dos dois bairros, para que os habitantes pudessem apontar ou representar graficamente as suas memórias espacialmente. A maioria preferiu registrar suas lembranças às margens da base cartográfica ou nela discretamente, interferindo na forma de setas e marcas, outras, com maior entusiasmo, preferiram voluntariamente desenhar e anotar suas memórias com mais detalhes (Figura 3).

Esses registros mostraram o quanto os bairros foram modificados ao longo dos anos, pois muitos dos aspectos ambientais e sociais descritos nos relatos, hoje só existem por meio das lembranças compartilhadas. Como a ausência de muros nos lotes onde, de acordo com relatos, era possível ter a vista e acesso à praia sem grandes dificuldades, assim como os lugares de banhos nos riachos, os quais praticamente não existem mais, principalmente devido à poluição, ao desmatamento das matas ciliares e ao assoreamento.

Então, como dar forma com esse emaranhado de dados? Como torná-los audíveis? Assim como em um movimento de bordado, foram feitas, ponto a ponto, costuras entre as conversas, entre as memórias, entre os desenhos, os retratos e os textos, relacionando similaridades e destacando peculiaridades, fatos curiosos e descrições recorrentes. Dessa maneira, esses bordados englobam os lugares – os que persistiram no tempo e aqueles que já não são mais mencionados – as pessoas e seus costumes, os cânticos, as brincadeiras, as danças, os festejos e as tradições.

Nessa dinâmica, o primeiro desafio enfrentado para elaborar o protótipo sociabilizador

Figura 3: Memórias escritas e gráficas dos entrevistados.

Fonte: Acervo autoral, 2017.

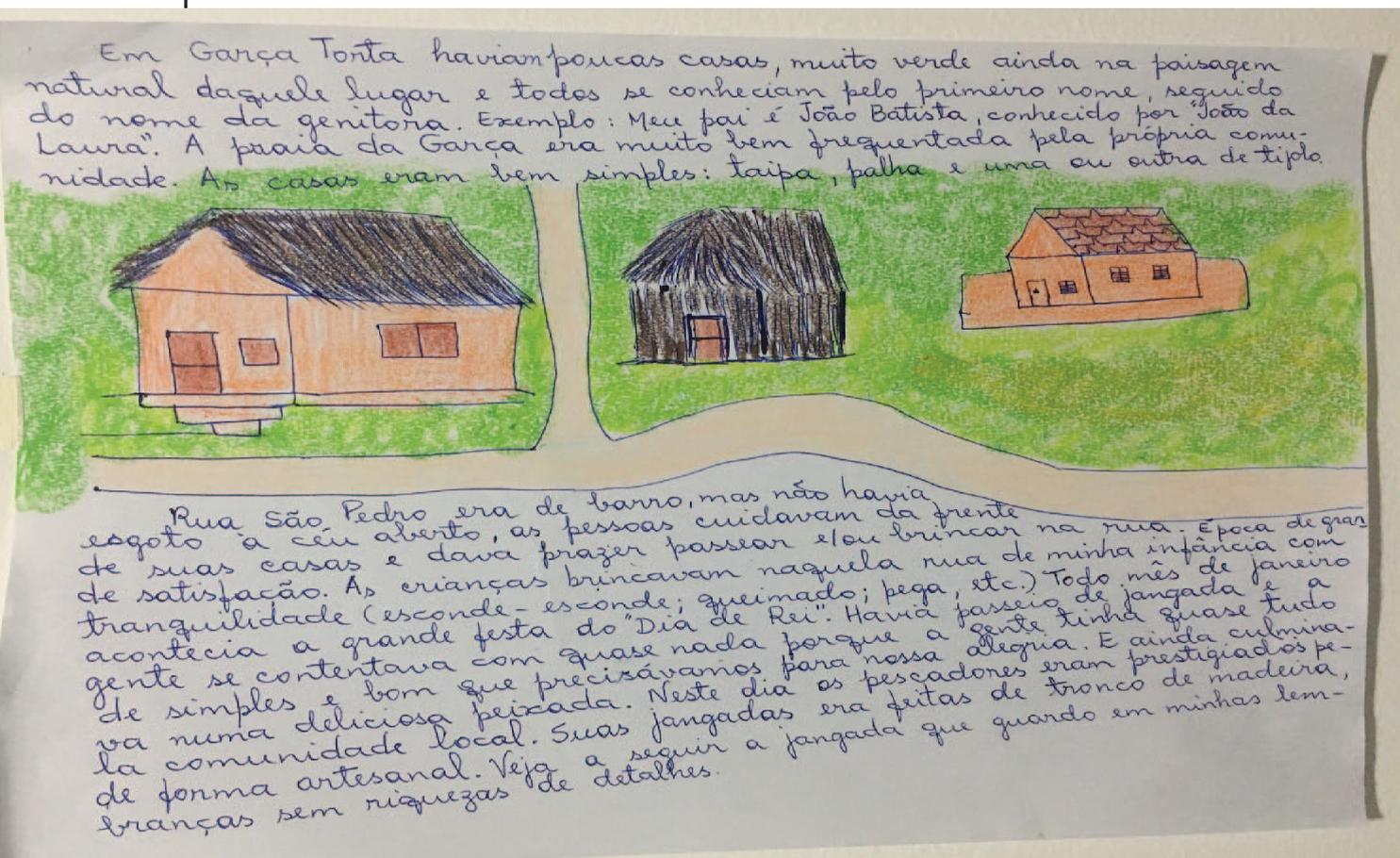




Figura 4: Cartas da Memória, frente e verso.

Fonte: Acervo autoral, 2017.

dessas memórias foi o de organizar a grande quantidade de informações, as quais foram sistematizadas por temas de maneira a não engessar seus conteúdos. Dentre os variados temas suscitados, cinco foram selecionados como principais: a religiosidade, os fazeres, os lugares, as pessoas e os festejos, podendo as informações dos depoimentos permear um ou mais dos temas citados. Dentre eles foram selecionados 35 pontos, considerando a recorrência de assuntos nos depoimentos e relevância histórica da informação, tais pontos correspondem a tópicos marcantes na história dos dois bairros. Com o auxílio dos temas, em cada um dos Pontos selecionados foram entrelaçados trechos de memórias narradas pelos habitantes com retratos, desenhos ou demais documentos acessados, constituindo, assim, as Cartas da Memória (Figura 4).

Paralelamente à construção dos Pontos e das Cartas da Memória, as lembranças dos habitantes foram cartografadas, tomando um plano bidimensional (desenhado em formato digital e posteriormente impresso em papel) como base, de forma que ícones e traços representassem elementos e características descritas nos registros e depoimentos. Para a construção da síntese gráfica alguns aspectos foram recorrentes como, por exemplo, as descrições nas quais o lugar é intimamente ligado ao nome dos seus habitantes, como indicou o depoimento de João Batista Barbosa em 2016: “Na Pitombeira era o pessoal do César. Joca, tio Dé. Joca, era tudo dele. Depois era da Maria César. Depois vinha o seu Zunga, era depois da minha mãe. Da minha mãe até o tio Dé, entrada da balança por ali, era do meu pessoal, dos irmãos da minha avó. Tio Joca, tio Dé.” As descrições também abrangeram os aspectos físicos, como as moradias. Os detalhes descritos e os desenhos acessados ajudaram a alocar as informações no plano e a criar ícones e traços para representá-los. Por

consequente, os Pontos e as Cartas da Memória foram associados à síntese gráfica (Figura 5) – Tecido da Memória – e numerados de 01 a 35.

Com os Pontos, as Cartas e os Tecidos da Memória construídos, restou um item para compor o protótipo: as Linhas – a construção de um caminho para acessar e compartilhar memórias, uma experiência para narrar e ouvir histórias. Assim, no protótipo construído (Figura 6) as Linhas são os narradores e os ouvintes, ao mesmo tempo. As Linhas são aqueles que se permitem experimentar ponto a ponto o tecido das memórias e fazer; assim, bordados coletivos de histórias entre os dois riachos. Os Bordados são experiências e as Linhas são os experimentadores.

Esse protótipo, enquanto meio de patrimonialização, foi posto em teste na varanda de uma das casas de Garça Torta, onde moradores adolescentes puderam experimentar e conhecer as histórias dos bairros (Figura 7). Essa experiência possibilitou a percepção de que uma mesma lembrança vai ter sempre uma duração e sons variados: o ritmo e o tom do narrador. Algumas memórias vão soar al-

Figura 5: Fotografia de um trecho da síntese gráfica, intitulada Tecido da Memória e ao lado sua ampliação.

Fonte: Acervo autoral, 2017.

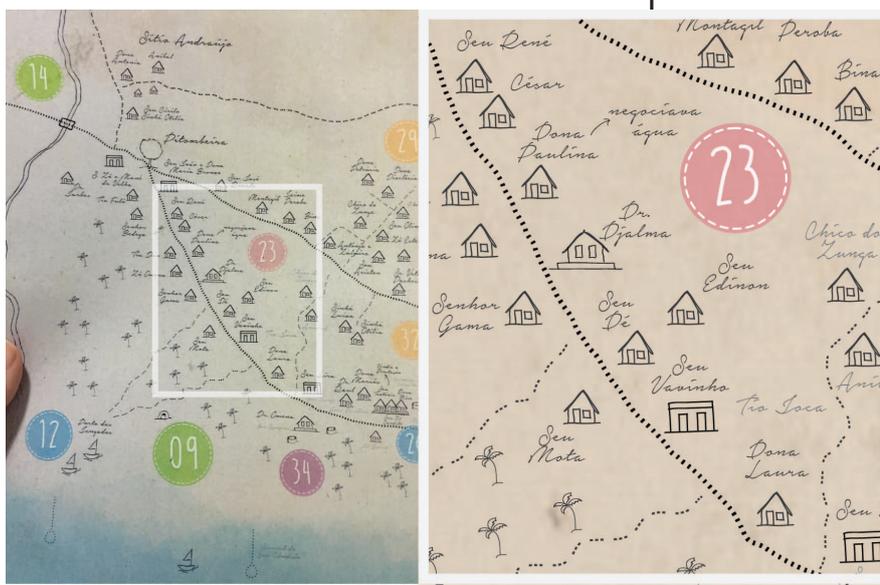


Figura 6: Colagem de fotografias do protótipo construído.
Fonte: Acervo autoral, 2017.



Figura 7: Experiência do Bordados.
Fonte: Acervo autoral, 2017.

tas, claras, ecoar. Outras vão soar baixinho, tímidas. Alguns participantes acrescentaram informações à experiência, compartilhando

com os outros o que seus pais ou demais familiares já haviam contado para eles sobre as histórias dos bairros. Ademais, os participantes passaram a torcer pela carta que queriam narrar, pelo ponto que queriam ir.

A experimentação durou cerca de uma hora e quarenta minutos e se mostrou um mecanismo eficiente e interessante para divulgar as histórias e memórias dos dois bairros (Figura 8). De fato, o processo de criação do protótipo passou por muitas reformulações e teve muitos incentivos e inspirações que surgiram ao longo do caminho. A ideia dos participantes construírem as próprias narrativas abre a possibilidade, por exemplo, de ampliar a construção desse produto para outras perspectivas, outras mãos, outras palavras. Neiva Cunha diz que “a narrativa enquanto forma de elaboração da experiência vivida sempre aponta para uma relação dialógica” (2013, p.181) e que “consiste fundamentalmente em refazer, para si e para outrem, o caminho percorrido em uma determinada existência” (2013, p.181). Assim, a ideia de promover uma experiência,





Figura 8: Construção de Narrativas.
Fonte: Acervo autoral, 2017.

ainda que dentro de algumas limitações, dá margem para compreender a relação dialógica citada pela autora.

BORDADOS: A MEMÓRIA DO PRESENTE

A construção dos Bordados apresentou-se como uma experiência valiosa no âmbito da patrimonialização, não apenas por registrar as memórias e histórias de habitantes que fazem de um bairro ser um lugar, mas por provocar a vivacidade de memórias que estavam adormecidas através da troca lúdica de lembranças. Dessa maneira, a experiência em muito contribuiu para dissolver ideias binárias tais como “natural” e “edificado”, “velho” e “novo”, “material” e “imaterial”, temas cuja conceituação vem sendo um exercício constante das ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o qual tem se mostrado cada vez mais atento ao desafio de como compatibilizar as inevitáveis mudanças da paisagem e preservar a sua dinâmica particularizada, a exemplo das ações de educação patrimonial e das inúmeras ações voltadas para o mapeamento das referências culturais.

Assim, o processo que resultou no Bordados consistiu em um exercício de outros mecanismos de identificação de um expressivo conteúdo silencioso e invisível, funcionando

como uma ferramenta incitante de relações de pertencimento entre os habitantes e o próprio lugar que habitam, na medida em que favorece o compartilhamento de histórias e memórias, com potencial de uso enquanto instrumento de patrimonialização. Por extensão, o produto enquanto registro também contribui para a historiografia de dois bairros no limiar de drásticas mudanças em suas feições físicas e, conseqüentemente, em suas relações cotidianas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:* _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sergio P Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

_____. Excavation and Memory. *In:* _____ **Selected Writings: Vol. 2, part 2 (1931–1934).** Tradução de Rodney Livingstone. Edição por Marcus Bullock, Michael W Jennings, Howard Eiland e Gary Smith. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2005. p. 576.

CARVALHO, Tuanne. **Um passeio entre Dois Riachos.** 2017. Trabalho de Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Fe-

deral de Alagoas, Maceió, 2017.

CUNHA, Neiva. Memórias, narrativas e identidades sociais: histórias de moradores de favelas da Grande Tijuca, no Rio de Janeiro. *In*: DUARTE, Cristiane; VILLANOVA, Roselyne (Orgs.). **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia**. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2013.

KLOKKARI, Irene. **Memories of Famagusta: Recapturing the Image of the City through the Memories of Refugees**. 2016. Dissertação. University of Brighton, Brighton, 2016. Disponível em: https://issuu.com/ireneklokkari/docs/irene_klokkari. Acesso em: nov. 2016.

PESAVENTO, Sandra. Cidade, Espaço E Tempo: Reflexões Sobre A Memória e o Patrimônio Urbano. **Caderno LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, Pelotas, v. 2, n. 4, ago./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893/873>. Acesso em: jan. 2017.

SETRAND. Portal da Secretaria de Estado de Transporte e Desenvolvimento Urbano de Alagoas. **Duplicação AL 101 Norte**. Disponível em: <http://www.setrand.al.gov.br/acoes>. Acesso em: jun. 2019.

YÁZIGI, Eduardo. **O patrimônio ambiental urbano: uma conceituação ampliada e aperfeiçoada**. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. IX, n. 1, p. 22 - 51, jun. 2012. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/471>. Acesso em: nov. 2018.

Submetido em: 15/05/2019.

Aprovado em: 01/06/2019.